

Sílvia de Alencar Rennó, Marcelina das Graças de Almeida, Maria Regina Álvares Correia Dias \*

# Existe o efêmero na memória? Existe memória no efêmero? Reflexões a partir do evento Fête des Lumières em Lyon, França

\*

Sílvia de Alencar Rennó é doutoranda em Design (Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG), Mestre em Arquitetura (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2006), Especialista em Gestão do Design (UEMG, 2014) e Graduada em Arquitetura e Urbanismo e Design de Interiores (Izabela Hendrix, 2002, 2020). Professora e Pesquisadora vinculada à Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, ED/UEMG. Líder do Grupo de Pesquisa UEMG/CNPq “IDeAr-C | Iluminação, Design, Arquitetura e Cidade”. Atuação e pesquisas nas áreas de iluminação, design, arquitetura e projetos.

<silvia.renno@uemg.br>

ORCID 0000-0003-1636-4127

Marcelina das Graças de Almeida é graduada em História (1989), Mestra em História (1993) e Doutora em História (2007) pela Universidade Federal de Minas Gerais com bolsa sanduíche pela CAPES em parceria com a Universidade Portucalense Infante Dom Henrique,

**Resumo** Este artigo discute possíveis conexões entre os conceitos de efêmero e memória, e suas interlocuções com o *Lighting Design* e a História, tendo como motivação o evento *Fête des Lumières* que ocorre anualmente na cidade de Lyon, na França. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, a discussão pauta-se nas ideias de amabilidade urbana e afetividade, como consequência das intervenções efêmeras nas cidades, sendo a afetividade considerada como instância formadora da memória e identidade coletivas. Nesse sentido, argumenta-se que efêmero e memória são conceitos mais próximos do que sugerem suas definições terminológicas simplificadas.

**Palavras-chave** Efêmero, Memória, Lighting Design, Fête des Lumières, Festival de Iluminação.

Porto, Portugal. Docente nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (ED/UEMG). Coordenadora do ASI - Arquivo de Som e Imagem, situado no Centro de Estudos em Design da Imagem da ED/UEMG. Experiência docente nas áreas de História, História do Design e Cultura Material.

<marcelina.almeida@uemg.br>

ORCID 0000-0001-5174-0103

**Maria Regina Álvares Correia Dias**

é graduada em Design Industrial pela FUMA/MG, mestrado em Engenharia de Produção e doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento na UFSC. É professora nos cursos de graduação, mestrado e doutorado da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, onde também coordena o Centro de Estudos de Teoria, Cultura e Pesquisa. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design, UEMG. Atuou como designer no LBDI, em Florianópolis, Itaotec, Paradesign, Ethermídia e Pixeldesign. Editora da coleção dos Cadernos de Estudos Avançados em Design (15 volumes) e editora-chefe da revista Pensamentos em Design.

<regina.alvares@uemg.br>

ORCID 0000-0002-7673-0611

### **Is there the ephemeral in memory? Is there memory in the ephemeral? Thoughts from the event Fête des Lumières in Lyon, France**

**Abstract** *This article discusses possible connections between the concepts of ephemeral and memory, and their interlocutions with Lighting Design and History, having as motivation the event Fête des Lumières that takes place annually in the city of Lyon, France. Through bibliographic research, the discussion is based on the ideas of urban friendliness and affection, as a consequence of ephemeral interventions in cities, with affectivity considered as an instance that forms collective memory and identity. In this sense, it is argued that ephemeral and memory are concepts closer than their simplified terminological definitions suggest.*

**Keywords** *Ephemeral, Memory, Lighting Design, Fête des Lumières, Light Festival.*

### **¿Existe lo efímero en la memoria? ¿Hay memoria en lo efímero? Reflexiones del evento Fête des Lumières en Lyon, Francia**

**Resumen** *Este artículo analiza posibles conexiones entre los conceptos de efímero y memoria, y sus interlocuciones con el Diseño de Iluminación y la Historia, motivado por el evento Fête des Lumières que se realiza anualmente en la ciudad de Lyon, Francia. A través de una investigación bibliográfica, la discusión se basa en las ideas de amabilidad urbano y afecto, como consecuencia de intervenciones efímeras en las ciudades, siendo el afecto considerado una instancia formativa de la memoria e identidad colectiva. En este sentido, se sostiene que efímero y memoria son conceptos más cercanos de lo que sugieren sus definiciones terminológicas simplificadas.*

**Palabras clave** *Efímero, Memoria, Diseño de Iluminación, Fête des Lumières, Festival de Iluminación.*

## Introdução

O presente artigo busca refletir sobre possíveis conexões entre os conceitos de efêmero e memória, e suas interlocuções com o *Lighting Design* e a História, tendo como motivação o evento *Fête des Lumières* que ocorre anualmente na cidade de Lyon, na França. Esta discussão foi estimulada a partir do aparente antagonismo entre os termos “efêmero” e “memória” quando tomadas, puramente, as suas definições terminológicas dadas pelos dicionários da língua portuguesa (Dicionário Aurélio Século XXI e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). Para “efêmero” sobressaem as ideias de algo passageiro, temporário, transitório, de pouca duração. Enquanto para “memória” figuram as ideias de lembrança, reminiscência, vestígio, ou à faculdade de reter e conservar conhecimentos ou ideias. Nestas acepções das palavras, o efêmero possui um caráter temporário, um “querer morrer”, uma relação com a ideia de findar, ou seja, aquilo que sucumbe ao tempo. Por outro lado, à “memória” apresenta-se, nestas definições, um caráter de permanência, um “querer viver”, a relação com a ideia de ficar, ou seja, aquilo que vence o tempo.

Portanto, este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica relacionando os principais conceitos norteadores da discussão proposta, no intuito de promover reflexões acerca da aproximação entre manifestações de design e arte efêmeras e a memória, considerando as intervenções promovidas pelos festivais de iluminação nas ambiências urbanas.

Considera-se relevante promover tal discussão na medida em que diversos festivais desta natureza têm sido frequentes nos últimos anos em variadas cidades do mundo. Entretanto, também se mostram frequentes os questionamentos sobre a relação destes eventos com o contexto em que se instalam, sobretudo com a identidade dos lugares e, por conseguinte, com as memórias que ali figuram. Na tentativa de fortalecer a presença das cidades nos circuitos turísticos mundiais, muitos festivais de iluminação tornam-se momentos puramente espetaculosos, sendo que considerar as particularidades dos locais, suas histórias e memórias pode impactar profundamente as relações de experiências entre os habitantes, visitantes e os lugares das cidades.

## O efêmero nas cidades contemporâneas

Apoiados nas ideias de importantes autores, Fontes e Galarce (2020) discutem sobre a condição efêmera da contemporaneidade e sua relação com a produção de espacialidades temporárias nas cidades, que os autores denominam “intervenções temporárias”. “As intervenções temporárias são pequenas ações efêmeras realizadas no espaço urbano que rompem com a organização contínua e homogênea do cotidiano” (Fontes; Galarce, 2020, p. 24), tendo como premissa a intenção de impermanência. Podem

se manifestar em apropriações espontâneas do espaço público, ações artísticas no ambiente urbano, instalações arquitetônicas e em festas locais ou ações táticas. Os autores argumentam que o pensamento em torno de intervenções temporárias, ou de arquiteturas efêmeras, pode constituir-se um meio promissor de estabelecer um equilíbrio entre o caráter permanente dos espaços urbanos e a aceleração contemporânea da vida urbana (Fontes; Galarce, 2020) resultando em novas formas de apropriação e percepção destes espaços.

Ao se referir às instalações artísticas efêmeras, Silva (2008) as insere no tempo, como um *momento* no qual espectador e objeto relacionam-se e, a partir dessa interação, a obra se completa. Além disso, a instalação institui um lugar quando ocupa e se apropria de um espaço, constituindo uma “situação espacial” (Silva, 2008). Nesse contexto, a autora afirma que “a instalação é a construção de uma verdade espacial em lugar e tempo determinado, ao mesmo tempo em que é passageira, é presença efêmera que se materializa de forma definitiva apenas na memória.” (Silva, 2008, p. 94). Essa ideia é corroborada por Chagastelles (2012) ao considerar que o efêmero adquire características de permanência quando os “encontros fugazes” entre sujeito e objeto são eternizados pela memória. É justamente o contraponto entre estas ideias de efemeridade e permanência que muito nos interessa neste estudo.

Seguindo nas conexões dos eventos, ou intervenções temporárias nas cidades, efêmeras por natureza, com as pessoas e os espaços, encontra-se o conceito de “amabilidade urbana”, proposto por Fontes (2011). A autora define o conceito como “atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade” (Fontes, 2011, p. 12) e considera que um “espaço amável” é constituído quando, sobre um espaço potencialmente atraente, é realizada uma intervenção temporária bem-sucedida. Ou seja, a amabilidade urbana manifesta-se quando o espaço físico se transforma em espaço social por meio das intervenções. “O espaço deixa de ser um ‘objeto’ quando ocorre algo que o transforma em um espaço habitado, que passa a fazer parte da memória coletiva do lugar” (Fontes, 2011, p. 13). A apropriação efêmera da cidade é, portanto, entendida como forma de resignificação do espaço público (Chagastelles, 2012; Edelweiss; Garzon, 2017), na medida em que produzem “lugares de manifestação de cultura, preservação de memória e construção de identidade” (Edelweiss; Garzon, 2017, p. 2) enquanto propõem um uso excepcional àquele espaço, rompendo com o uso cotidiano, o que tende a aproximar as pessoas na criação de um espaço verdadeiramente coletivo (Fontes, 2011).

Especificamente sobre as festas urbanas, Fontes (2011) analisa o que chama de intenções transformadoras destes eventos efêmeros, recuperando alguns aspectos constituintes das festas, propostos por Soler i Amigó (2001, apud Fontes, 2011). Dentre estes aspectos, destaca-se o fato de estes eventos representarem uma pausa no ritmo cotidiano de trabalho, proporcionarem alegria e descontração despretensiosas, aproximarem membros de um mesmo grupo reforçando a identidade, serem essencialmente parti-

cipativos e criarem um entorno estético e lúdico permitindo a espontaneidade e a criatividade (Fontes, 2011). Lott (2021) relaciona as festas ao revigoramento dos laços sociais, ao tratá-las como momentos em que os grupos rompem com as preocupações cotidianas e suas limitações, por meio de vivências emocionais intensas.

A festa é o momento de ‘aproximar os indivíduos, de colocar em movimento as massas e suscitar um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso’ (Durkheim, 2003, p. 417 *apud* Fontes, 2011, p. 290)

Como parte dessas manifestações efêmeras nas cidades contemporâneas, apresentam-se os festivais de iluminação.

## Os Festivais de Iluminação

Desde os anos 1980 tem sido observado um considerável crescimento de eventos urbanos denominados “festivais” em todo o mundo, no que se refere à quantidade, diversidade e popularidade (Edensor; Sumartojo, 2018; Li *et al*, 2020; Quinn, 2005; Yang; Gu; Cen, 2011). Segundo Getz (2005, *apud* Zielinska-Dabkowska, 2016, p. 64) o termo “festival” significa “uma celebração temática pública” e caracteriza um evento cultural bastante conhecido e propagado mundialmente.

O que é um festival? É alguma coisa excepcional, algo fora do comum... Algo que cria uma atmosfera especial em decorrência não só da qualidade da arte e da produção, mas do lugar, da ambiência de uma cidade, da tradição de uma região. (de Rougement, 1976 *apud* Quinn, 2005, p. 927, tradução nossa)

Dentre as inúmeras tipologias de festivais, com suas temáticas particulares, encontram-se os festivais de iluminação (ou festivais de luzes, ou festas das luzes), despontados como um novo fenômeno no final da década de 1990 na Europa e no mundo (Edensor; Sumartojo, 2018; Zielinska-Dabkowska, 2016). O festival de iluminação é um evento artístico público realizado em grandes cidades que atrai as pessoas, tanto moradores locais quanto visitantes, para diversas experiências de entretenimento nos ambientes urbanos (Shuang, 2020). Conforme define Zielinska-Dabkowska (2016, p. 64, tradução nossa), o festival de luz é “um evento artístico, temático, ao vivo e cultural, aberto ao público em geral (normalmente sem custo), repetido regularmente, que usa luz artificial como intermédio e é parte de um turismo cultural”. Caracterizam-se por instalações luminosas artísticas nos logradouros públicos e projeções de vídeo e luz em fachadas de edificações (Giordano; Ong, 2017). Os projetos das intervenções geralmente são criados por artistas que trabalham com a luz, *lighting designers*, designers cênicos

ou designers que exploram as técnicas de projeções 3D e *videomapping*. Nesses eventos, qualidades da luz, como intensidade, cor, saturação, animação e sombra, são exploradas de diversas formas, influenciando profundamente a atmosfera e percepção dos espaços (Edensor; Sumartojo, 2018). Segundo Wenying e Hengtong (2022, p. 17, tradução nossa), o festival de luz “combina espaço urbano com a arte em iluminação para contar histórias urbanas, criando uma experiência emocional personalizada intensa e holística, trazendo a reformulação e inovação do espaço da paisagem noturna urbana”. Os festivais de iluminação figuram o calendário de eventos periódicos de diversas cidades como Lyon (França), Sydney e Melbourne (Austrália), Berlim e Frankfurt (Alemanha), Amsterdam (Holanda), Alingsas (Suécia), Guangzhou e Macau (China), dentre outras.

**Figura 1.** Iluminação na fachada da Prefeitura (Townhall) e no pátio da Câmara Municipal (l’Hôtel de Ville) de Lyon / França durante os festivais Fête des Lumières de 2009 e de 2019

**Fonte:** Fotografias de Nirmalkumar (2009) e Dmitry Djouce (2019) - Disponíveis em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Townhall\\_in\\_Fete\\_De\\_Lumire.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Townhall_in_Fete_De_Lumire.JPG) e <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cour-hotel-ville-lyon-fete-lumieres.jpg> - Acessos em: 28 jul. 2023. Licensed under CC BY-SA 3.0 e CC BY 2.0.



## Os Festivais de Iluminação e a relação pessoa-ambiente

Segundo Li *et al* (2020), os festivais de iluminação são capazes de intensificar a relação entre as pessoas e os espaços por meio das diversas atividades que promovem. Esta ideia é corroborada por Wenying e Hengtong (2022) ao afirmarem que um festival pode possibilitar que as pessoas participem, transitem entre as artes e experienciem as instalações luminosas inusitadas, enriquecendo a vida noturna na cidade. Além disso, os autores salientam que, por ser uma manifestação de arte pública, os festivais estimulam e aprimoram a noção estética e artística das pessoas bem como sua educação cultural (Wenying; Hengtong, 2022). Edensor e Sumartojo (2018) defendem que os festivais de iluminação podem aprofundar o sentido de lugar ao evidenciar alguns aspectos negligenciados do ambiente construído, revelar com encantamento espaços pela desfamiliarização em relação ao contexto habitual, introduzir outros lugares e histórias na esfera local e gerar interatividade. “A projeção artística de luz pode criar novas maneiras de percebermos nossos ambientes urbanos familiares o que pode nos levar a reimaginar nossos entornos, suas histórias e experiências afetivas.” (Edensor; Sumartojo, 2018, p. 1, tradução nossa).

Wenying e Hengtong (2022) afirmam que a experiência imersiva proporcionada por um festival de luz tem também um significado emocional, pois requer essa interação profunda do público. Além de promover o encontro das pessoas com a arte e com os artistas, também permite um

encontro entre pessoas diferentes e delas com o espaço urbano. Um evento como este pode expressar a herança cultural de uma cidade, criando uma atmosfera atraente e que dê, aos participantes, uma impressão profunda sobre aquela cidade (Wenying; Hengtong, 2022).

Nesse contexto, Giordano e Ong (2017) alertam para o fato de que alguns autores argumentam que muitos festivais de iluminação ao redor do mundo, aproveitando-se da popularidade que estes eventos ganharam, acabaram se tornando cópias de outros eventos, como reproduções seriais, sem um vínculo expressivo com o local em que acontecem. Alguns festivais, pautados quase que totalmente em manifestações artísticas de nomes internacionais que, em muitos casos, não tem nenhuma relação com aquele lugar (Giordano; Ong, 2017), resultam em uma espécie de “espetacularização” ao adotarem muito mais uma abordagem estratégica de promoção internacional da cidade do que a intenção de fortalecer as relações entre habitantes e seus lugares (Quinn, 2005). Giordano e Ong (2017) salientam que isso não pode ser generalizado uma vez que são realizados muitos festivais de iluminação, sobretudo os de menor porte, que apoiam “a redefinição, redescoberta e expansão do conteúdo e significados de lugar social local” (Stevens; Shin, 2012 *apud* Giordano; Ong, 2017, p. 3, tradução nossa) ainda que se utilizem de referências internacionais.

A implantação das projeções de luzes artísticas e festivas pode subverter as apreensões convencionais ao desfamiliarizar o lugar, aprofundando assim o sentimento de pertencimento, ao invés de servir apenas como um espetáculo ou uma nova forma de mercantilização do espaço urbano. (Edensor; Sumartojo, 2018, p. 1, tradução nossa)

Os festivais de iluminação tornam-se, portanto, oportunidades de encontro entre as pessoas na ambiência urbana e de experimentarem espaços da cidade que muitas vezes são negligenciados no seu dia a dia. O deslocamento do uso cotidiano dos espaços urbanos para um uso extraordinário, proporcionado pelos festivais de iluminação, não só estimula os sentimentos de afeto com as ambiências das cidades como também impulsiona a sensação de pertencimento e o reconhecimento de uma identidade coletiva. O festival Fête des Lumières é um exemplo disso.

**Figura 2.** Instalações luminosas “Promenons-Nous” na Place Bellecour em Lyon durante a Fête des Lumières de 2017

**Fonte:** Fotografia de Kaloyan Krasi-mirov Stoyanov (2017). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:F%C3%A0te\\_des\\_Lumi%C3%A8res\\_in\\_Lyon,\\_2017.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:F%C3%A0te_des_Lumi%C3%A8res_in_Lyon,_2017.jpg). Acesso em: 28 jul. 2023. Licensed under CC BY-SA 4.0



**Figura 3.** Instalação luminosa “Anooki” na Place Bellecour em Lyon durante a Fête des Lumières de 2018

**Fonte:** Fotografia de Johanna Buguet (2018). Disponível em: <https://unsplash.com/pt-br/@johannabuguet>. Acesso em: 28 jul. 2023.

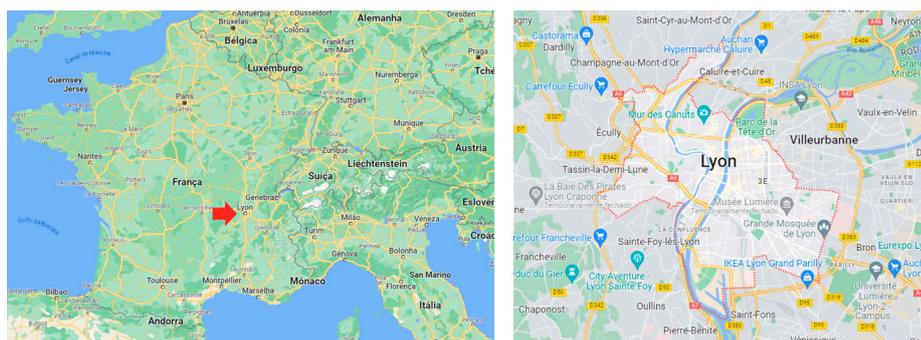


## Fête des Lumières

A *Fête des Lumières*, ou Festa das Luzes, é um festival urbano de iluminação que acontece anualmente na cidade de Lyon, na França, desde 1999, em que são produzidas intervenções luminosas pela cidade, com estímulo à interação do público. Lyon é a terceira maior cidade francesa, localizada na parte sudeste do país, formada em torno da confluência de dois importantes rios – Saône e Rhône – estando próxima às fronteiras com Suíça e Itália. É considerada uma cidade referência em iluminação urbana, por ter sido uma das primeiras a conceber a luz como uma ferramenta de desenvolvimento urbano (Cousseau, 2014). Foi a primeira cidade a desenvolver e implementar um Plano Diretor de Iluminação, em 1989.

**Figura 4.** Localização geográfica de Lyon / França

**Fonte:** Google Maps (2021)



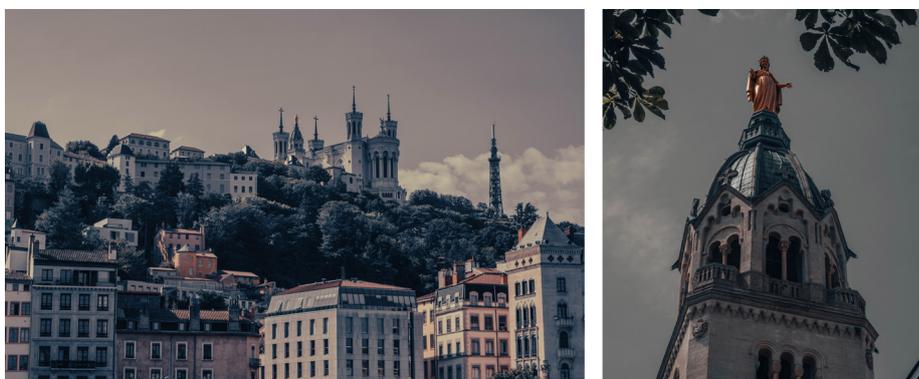
A festa das luzes de Lyon, que tem duração de quatro dias e sempre com início em 8 de dezembro, remonta a um acontecimento histórico importante para a cidade. Em 1168, foi construída, no alto da colina de Fourvière, uma capela dedicada à Virgem Maria. Durante as guerras religiosas, em 1562, a capela foi totalmente destruída, sendo reconstruída nos anos que se seguiram. Já no século XVII, em 1638, uma epidemia de escorbuto assola Lyon e os administradores do hospital local fazem uma procissão à Fourvière, em súplica à Virgem Maria. A doença, então, diminui, desapa-

rece e não retorna mais à cidade. Poucos anos depois, em 1643, a epidemia da Peste Bubônica, que já havia se espalhado por toda a Europa, ameaça chegar à Lyon. No dia 8 de setembro, data de nascimento da Virgem Maria, as autoridades locais, juntamente com uma multidão de habitantes, sobem a colina em procissão para pedir à Virgem proteção à cidade, prometendo a ela repetirem a procissão todo ano naquele dia, caso seus pedidos fossem atendidos. A cidade foi poupada e a tradição permanece até hoje.

No século XIX, em 1850, foi realizado um concurso para a criação de uma estátua da Virgem Maria a ser instalada no topo da capela de Fourvière, com inauguração prevista para o dia 8 de setembro de 1852. No entanto, uma enchente no rio Saône obrigou a mudança da data do evento para o dia 8 de dezembro. Chegada a nova data da inauguração da estátua, um mau tempo fez com que as autoridades religiosas considerassem cancelar mais uma vez a festividade. Subitamente, “o céu se abre” e a festa pode acontecer. Espontaneamente, em agradecimento, os moradores de Lyon colocaram velas nas suas janelas e, quando a noite chegou, a cidade estava inteiramente iluminada. As autoridades religiosas também aderiram ao movimento dos habitantes e a capela se revelou iluminada durante aquela noite. Desde então, todo ano, no dia 8 de dezembro, as pessoas colocam velas nas suas janelas, lembrando aquele momento histórico para a cidade (Fête des Lumières, 2022; Notre-Dame de Fourvière, 2022; OnlyLyon..., 2022).

**Figura 5.** Notre-Dame de Fourvière no topo da colina em Lyon e detalhe da estátua da Virgem Maria

**Fonte:** Fotografias de Hilderose C. (2023). Disponíveis em: <https://unsplash.com/pt-br/@hilderose>. Acesso em: 28 jul. 2023



Esta data, por todo seu simbolismo, foi escolhida para iniciar as edições anuais do festival *Fête des Lumières*. A retomada anual deste acontecimento histórico importante para Lyon e seus habitantes, de certa forma, reverencia sua história ao mesmo tempo em que reestrutura, atualiza, contextualiza e reconstrói uma memória coletiva. Possibilita aos cidadãos e visitantes de Lyon a experiência de uma história viva, uma história vivida, a qual, segundo Halbwachs (1990, p. 67), “se perpetua ou se renova através do tempo”. A manutenção da memória de uma sociedade, ainda que transformada, depende de sua conservação em pelo menos uma parte do corpo social que a possui. E a história, segundo o autor, tem como um de seus objetivos estabelecer uma ligação entre o passado e o presente (Halbwachs, 1990), sendo que vivenciá-la, mais do que conhecê-la, reforçaria a ideia de uma identidade coletiva.

É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória. [...] É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado (Halbwachs, 1990, p. 71).

Ainda que seja um evento de caráter internacional, e referência para tantos outros por ter sido o precursor, a *Fête des Lumières* mantém a conexão com a origem da tradição de Lyon. “A *Fête des Lumières* deixou sua marca em Lyon, ela está em seus genes, na sua história, e na sua tradição” (Zielinska-Dabkowska, 2016, p. 72, tradução nossa). Várias ações e intervenções fazem alusão à história pregressa, mesmo que com o uso de tecnologias atuais e sistemas inovadores, engajando a população a participar. O caráter interativo é característico do evento, e acontece desde as propostas das intervenções artísticas mais tecnológicas que convidam o público a interagir, até mesmo o simples ato da população local que permanece o mesmo desde 8 dezembro de 1852: colocar velas nas suas janelas. “Brilhante. Foi mágico, todas as velas acesas em cada janela por toda a cidade. É o melhor dia para fazer um passeio noturno” (Daniel G., 2014 *apud* Zielinska-Dabkowska, 2016, p. 73, tradução nossa).

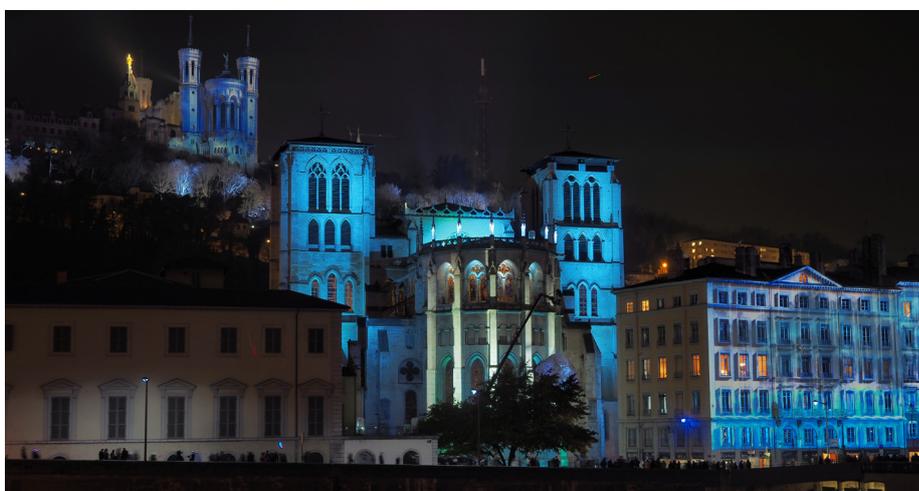
**Figura 6.** Algumas velas (lumignons) nas janelas na cidade de Lyon durante a *Fête des Lumières* de 2013

**Fonte:** Fotografias de A. Delesse (2013) e Myrabella (2013) - Disponíveis em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lumignons\\_-\\_F%C3%A0te\\_des\\_Lumi%C3%A8res\\_2013.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lumignons_-_F%C3%A0te_des_Lumi%C3%A8res_2013.JPG) e [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lumignons\\_fete\\_des\\_Lumi%C3%A8res\\_Lyon\\_8-12-2013.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lumignons_fete_des_Lumi%C3%A8res_Lyon_8-12-2013.jpg). Acessos em: 28 jul. 2023. Licensed under CC BY-SA 3.0 e CC BY-SA 4.0



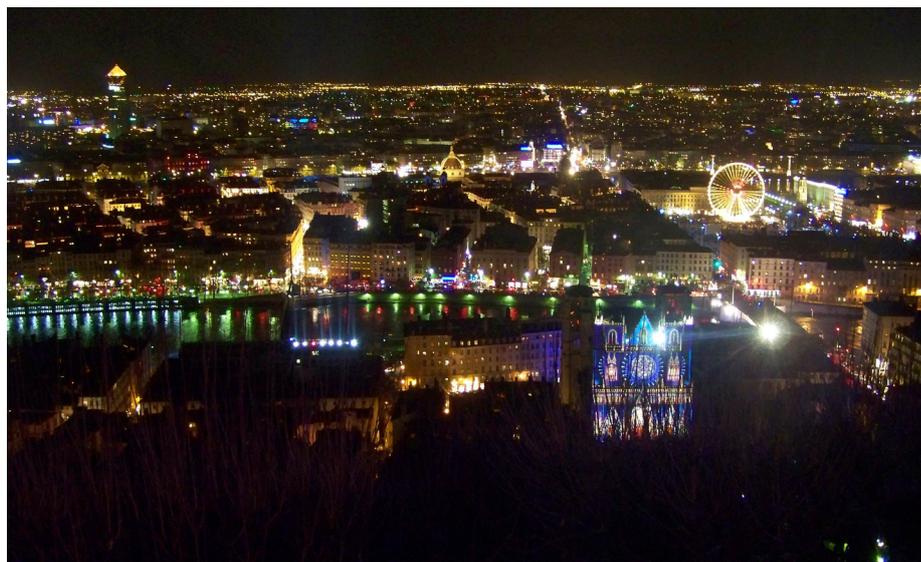
**Figura 7.** Notre-Dame de Fourvière e Catedral Saint-Jean-Baptiste em Lyon durante a *Fête des Lumières* de 2019

**Fonte:** Fotografia de Dmitry Djouce (2019). Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fete-lumieres-lyon.jpg>. Acesso em: 28 jul. 2023. Licensed under CC BY 2.0



**Figura 8.** Vista panorâmica da cidade de Lyon a partir da colina de Fourvière durante a Fête des Lumières de 2008

**Fonte:** Fotografia de Florian Pépelin (2008). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:F%C3%A0te\\_des\\_Lumi%C3%A8res\\_-\\_Lyon\\_\(2008\).JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:F%C3%A0te_des_Lumi%C3%A8res_-_Lyon_(2008).JPG). Acesso em: 28 jul. 2023. Licensed under CC BY-SA 3.0



## A Afetividade como instância constitutiva da Memória e da Identidade

Tratar o conceito de memória é um grande desafio, tendo em vista a complexidade dos contextos que o abordam. Para isso, este artigo apoia-se nos estudos sobre a memória coletiva propostos por Seixas (2001), Nora (1993), Le Goff (1990) e Halbwachs (1990), bem como no conceito de memória social proposto por Gondar (2005), relacionando-os, principalmente, à afetividade.

Seixas (2001) apresenta uma diferenciação conceitual entre memória voluntária e memória involuntária. A primeira concepção atribui à memória um caráter intelectual, cognitivo, uniforme, configurando a “memória-conhecimento”. Relaciona-se ao hábito, à vida cotidiana “passiva e mecânica”. Por outro lado, a memória involuntária é investida da dimensão afetiva das experiências humanas. Rompe com a tentativa de capturar intelectualmente o passado, uma vez que se caracteriza pela instabilidade, descontinuidade e pela espontaneidade da sua ocorrência: surge independentemente da vontade do sujeito. “Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade” (Seixas, 2001, p. 47). Seixas (2001) ainda evidencia a ideia de “especialização do tempo” como traço inerente à memória, ou seja, sua expressão, materialização e atualização através de *lugares*. Nesse sentido, os lugares de memória constituem-se como “irrupções afetivas e simbólicas da memória em seu diálogo sempre atual com a história” (Seixas, 2001, p. 44). Vincula-se a isto a ideia de a memória estar sempre em construção, uma vez que habita lugares distintos dependendo do momento de “irrupção”. Daí a afirmação de que “A memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos [...], mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram. [...] a memória recria o real” (Seixas, 2001, p. 51).

A esta ideia de memória involuntária proposta por Seixas (2001) assemelha-se a própria conceituação de memória de Nora (1993) que a considera “afetiva e mágica”, pois é pertencente a grupos vivos e, portanto, vulnerável, instável, flutuante, múltipla e em permanente evolução. Considera-se, portanto, que a memória não é estática e perene.

Halbwachs (1990) inaugura o conceito de memória coletiva fazendo uma distinção entre ela e a memória individual. A memória coletiva se constrói em um grupo de indivíduos e é por ele compartilhada. É fundamental que haja pontos em comum entre os indivíduos do grupo para que a memória se opere coletivamente e, então, possa ser “reconhecida e reconstruída”. A memória individual, por sua vez, não é estanque, não é independente, não é isenta das influências sociais. Ela está imbuída de lembranças “dos outros”, e se configura sob sua influência. Além disso, ela se torna parte de uma memória coletiva, uma vez que cada indivíduo de um mesmo grupo terá lembranças distintas, ainda que próximas. Ou seja, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 1990, p. 51). Dessa forma, sob esse entendimento, a memória coletiva configura a memória individual, e vice-versa. E ambas sofrem influências de natureza social (Halbwachs, 1990). A permanência de uma memória coletiva, segundo Halbwachs (1990), depende do reconhecimento identitário dos indivíduos àquele grupo, e da “sobrevivência” deste grupo ao longo do tempo.

Cada um desses grupos tem uma história. Neles distinguimos imagens e acontecimentos. Mas o que nos chama a atenção, é que, na memória, as similitudes passam, entretanto, para o primeiro plano. O grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo (Halbwachs, 1990, p. 87).

Le Goff (1990, p. 410), como Halbwachs (1990), conecta a memória à ideia de identidade, considerando-a essencial à construção de uma identidade coletiva. Assim, para que haja uma identidade coletiva é preciso que um grupo de pessoas compartilhem memórias; que essa memória seja, então, coletiva. A memória coletiva pode ser caracterizada, portanto, como algo espontâneo, natural, vulnerável ao esquecimento e, portanto, seletiva, a qual perpassa pela esfera do vivido, do sentido, daquilo que afeta, pulverizada pela multiplicidade das narrativas orais (Halbwachs, 1990; Nora, 1993; Seixas, 2001) e elemento fundamental para a construção de uma identidade coletiva (Halbwachs, 1990; Le Goff, 1990).

Por outro lado, a história configura-se como processo intelectual e manipulador, caracterizado pela atividade da escrita organizada, sistematizada, que demanda análise e discurso crítico (Halbwachs, 1990; Nora, 1993; Seixas, 2001), como forma de reter algo “frágil e falível” como a memória (Le Goff, 1990). “A história vem substituir a memória coletiva, transformando-a, mas sem a destruir” (Le Goff, 1990, p. 377).

A esta discussão une-se o conceito de memória social proposto por Gondar (2005) ao considerá-la polissêmica, comportando diversas significações; como uma manifestação ética e política, na medida em que a escolha pela lembrança de um passado repercute no futuro; como uma construção processual, ou seja, a capacidade da memória social de reconstruir continuamente o passado; e a desmistificação de que a memória social se reduz à representação, quando, na verdade, podemos entender que as representações coletivas e sociais são produto dos processos da memória. Entendendo, dessa forma, a memória social como um processo, como sugere Gondar (2005), a representação torna-se apenas uma parte dela, à qual soma-se a “esfera do irrepresentável”, compreendida pelos modos de sentir, de querer, de vivenciar, ou seja, sua dimensão afetiva. A autora é taxativa ao afirmar que é possível existir memórias irrepresentáveis, mas não existem memórias que estejam fora de um contexto afetivo (Gondar, 2005).

A memória deixa de se reduzir aos axiomas da representação e da generalidade abstrata para se articular àquilo que nos afeta. [...] De todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações (Gondar, 2005, p. 24-25).

No contexto dos festivais de iluminação, Li et al (2020) também consideram que a conexão afetiva do indivíduo com o local, ou o vínculo com o local (*place attachment*), e a sua identidade (*place identity*) são as principais dimensões que envolvem a construção do sentido de lugar (*sense of place*). A identidade do local, nesse caso, é entendida como a conexão emocional dos indivíduos com os ambientes físicos, que eles consideram como parte de suas próprias identidades (Li et al, 2020). O sentido de lugar, trata-se, segundo os autores, da experiência que surge a partir da interação pessoa-ambiente. Segundo eles, o sentido de lugar

ênfatisa tanto as características do próprio local quanto as conexões emocionais estabelecidas pelas interações entre as pessoas e o local, que são criadas por meio dos diferentes significados que as pessoas obtêm dos locais, e depois a eles atribuem, durante sua experiência ambiental (Li et al, 2020, p. 3, tradução nossa).

Neste mesmo raciocínio, a identidade social urbana seria, para Bomfim (2003) *apud* Higuchi, Kuhnen e Pato (2019, p. 93), o “conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar”. O conceito de identidade de lugar refere-se ao momento em que o indivíduo começa a expressar identificação em relação aos ambientes, bairros, comunidades, espaços públicos (Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019). Para Pereira e Becker (2019), é por meio da identidade que é possível demonstrar as particularidades e características de uma cidade. “A paisagem deve ser

um entorno no qual nos reconhecemos. Não apenas nós nele mas, também, ele em nós” (Berque, 2008 *apud* Cousseau, 2015, p. 34, tradução nossa).

Aos conceitos de sentido de lugar (*sense of place*) e identidade de lugar (*place identity*) relacionam-se as ideias de apego ou vínculo com o lugar (*place attachment*) e pertencimento. O sentimento de pertencimento, segundo Higuchi, Kuhnen e Pato (2019), surge a partir do apego ao lugar e “direciona a maneira como as pessoas agem cotidianamente, tendo maior apreço ao entorno” (Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019, p. 22). De acordo com Elali e Medeiros (2011), o apego ao lugar é um conceito “complexo e multifacetado” que envolve tanto as características físico-espaciais dos ambientes quanto os significados simbólico-afetivos que a eles são atribuídos pelas pessoas. Seu estudo, segundo as autoras, envolve a compreensão de suas três dimensões essenciais: funcional, simbólica e relacional (Elali; Medeiros, 2011) e constitui-se um importante conceito na área das relações entre pessoa-ambiente.

De acordo com Zielinska-Dabkowska (2016), cada vez mais as cidades vêm reconhecendo o papel da iluminação artificial em atribuir valor ao espaço urbano ao anoitecer, não apenas como garantia de segurança, mas também como forma de atratividade e valorização das ambiências, ajudando a desenvolver um senso de identidade para seus habitantes. Os festivais de iluminação integram essas ações em *lighting design* urbano. “A luz é um meio perfeito para influenciar emoções nos destinatários e para promover determinada situação.” (Zielinska-Dabkowska, 2016, p. 67, tradução nossa).

## Considerações finais

Os festivais de iluminação, enquanto intervenções temporárias urbanas ou instalações artísticas efêmeras, transformam o espaço urbano ordinário em um “espaço amável”, ou seja, um lugar que facilita ou promove os sentimentos de afeto. Essa afetividade, característica da amabilidade urbana, por sua vez, é instância constitutiva do conceito de memória coletiva, quando esta é entendida sob a perspectiva de uma memória involuntária, cambiável, espontânea, frágil e falível; construída e reconstruída continuamente pela comunhão de memórias por um mesmo grupo de indivíduos.

A *Fête des Lumières*, em Lyon, na França, por meio da manutenção das tradições históricas e culturais da cidade, ainda que revisitadas e transformadas pela nova realidade do contexto presente, reforça a memória coletiva e, conseqüentemente, a identidade coletiva daquela comunidade. Acredita-se e considera-se que não há intenção do festival em reviver, recriar ou simular o evento do século XIX, e nem há razão para tal. Mas entende-se que rememorar o “espírito” que envolveu toda a comunidade daquela época é convidar a população atual a celebrar a união, a demonstrar zelo, cuidado, afeto por sua cidade e seus concidadãos.

Nesse sentido, efêmero e memória se entrelaçam. Não apenas existe efêmero na memória e memória no efêmero, como também os dois concei-

tos se qualificam mutuamente. A memória é efêmera e o efêmero transforma-se em memória. Por conseguinte, a História enforma a memória e o Design materializa o efêmero. Uma vez que a memória é efêmera, cabe à história garantir o seu desejo de permanência.

## Agradecimentos

Nossos agradecimentos aos fotógrafos A. Delesse, Dmitry Djouce, Florian Pépellin, Hilderose C., Johanna Buguet, Kaloyan Krasimirov Stoyanov, Myrabella e Nirmalkumar por disponibilizarem gratuitamente suas fotografias por meio das plataformas Unsplash e Wikimedia Commons possibilitando a inserção das imagens deste artigo.

## Referências

CHAGASTELLES, Gianne Maria Montedônio. Eternidade do efêmero: memória e vivência na arte contemporânea brasileira. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 24-63, 2012.

COUSSEAU, Adeline. La iluminación de las ciudades y su imagen nocturna: caso de Lyon e Barcelona. **Papers de turisme**, Valência, n. 57, jan.-jun. 2015, p. 28-46.

EDELWEISS, Roberta K.; GARZON, Mauricio R. C. A resignificação do espaço público de Porto Alegre a partir da apropriação efêmera da cidade. **Revista Prumo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jul. 2017.

EDENSOR, Tim; SUMARTOJO, Shanti. Reconfiguring Familiar Worlds with Light Projection: The Gertrude Street Projection Festival, 2017. **GeoHumanities**, Washington, v. 4, n. 1, p. 1-20, mai. 2018.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó de. Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – *Place attachment*). In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 4. p. 53-62.

FÊTE DE LUMIÈRES. The story behind the festival. Disponível em: <https://www.fetedeslumières.lyon.fr/en/page/story-behind-festival>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades**. 2011. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FONTES, Adriana Sansão; GALARCE, Fernando Espósito. A condição efêmera na cidade contemporânea: três pavilhões temporários no Rio de Janeiro (2012-2018). **AS Arquitecturas del Sur**, Concepción, v. 38, n. 57, p. 20-37, jan. 2020.

GIORDANO, Emanuele; ONG, Chin-Ee. Light festivals, policy mobilities and urban tourism. **Tourism Geographies**. Londres, v. 19, n. 5, p. 1-18, mar. 2017.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (Org.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HIGUCHI, Maria I. G.; KUHNNEN, Ariane; PATO, Claudia. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. 1. ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 366-419. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso em: 01 jul. 2023.

LI, Jing *et al.* Conceptualizing Festival Attractiveness and Its Impact on Festival Hosting Destination Loyalty: a mixed method approach. **Sustainability**, Basileia, n. 12, p. 1-17, abr. 2020.

LOTT, Wanessa Pires. As festas como patrimônio cultural: um caminho para a espetacularização? **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 17, n. 2, p. 287-304, jul-dez. 2021.

MAHDAVINEJAD, Mohammadjavad; BEMANIAN, Mohammadreza; ARBAB, Maryam. Lighting Branding: lighting architecture and building nocturnal city identity. **International Review for Spatial Planning and Sustainable Development: a planning strategies and design concepts**, Kanazawa, v. 8, n. 1, p. 137 -159, 2020.

MIROCZNIK, Betty. Além da arquitetura e da cidade, o lugar único. **Revista ARA** (FAU-USP), São Paulo, v. 7, n. 7, p. 173-191, 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NOTRE-DAME DE FOURVIERE. Beginning of the festival of lights. Disponível em: <https://www.fourviere.org/en/discover/history/beginning-of-the-festival-of-lights/> Acesso em: 01 jul. 2023.

NOTRE-DAME DE FOURVIERE. From the Middle Ages to the first vows. Disponível em: <https://www.fourviere.org/en/discover/history/from-the-middle-ages-to-the-first-vows/> Acesso em: 01 jul. 2023.

ONLYLYON Tourism & Conventions. The story behind Lyon's Festival of Lights. Disponível em: [https://en.lyon-france.com/discover-lyon/festival-of-lights/the-story-behind-lyon-s-festival-of-lights?\\_ga=2.106007557.766487899.1644972645-1274404283.1644858386](https://en.lyon-france.com/discover-lyon/festival-of-lights/the-story-behind-lyon-s-festival-of-lights?_ga=2.106007557.766487899.1644972645-1274404283.1644858386). Acesso em: 10 fev. 2022.

PEREIRA, Bruna B.; BECKER, Débora. Os Elementos Formadores de Identidade Urbana: um estudo sobre o caso da cidade de Canoas – RS. XVIII ENANPUR – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 18., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal, 2019. p. 1-7. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=609> Acesso em: 20 jul.2021.

QUINN, Bernadette. Arts Festivals and the City. **Urban Studies**, v. 42, n. 5/6, p. 927-943, mai. 2005.

SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terra de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2001, p. 37-58.

SILVA, Luciana Bosco. Instalação: efemeridade e memória. In: IV Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP, 4., 2008, Campinas. **Atas [...]**. Campinas: UNICAMP, 2008.

SHUANG, Wu. Integrate culture and creativity into the design of urban light festival: the 7th Amsterdam light festival. In: International Conference on Humanities, Cultures, Arts and Design – ICHCAD, 2019, Sydney. **Proceedings [...]**. Londres: Web of Proceedings / Francis Academic Press, 2020. p. 6-10.

WENYING Feng; HENGTONG, Zhang. Research on the Display of City Image in Macau Light and Shadow Festival. **International Journal of Arts and Humanities Studies**, Londres, v. 2, n. 1, p. 17-21, jan. 2022.

YANG, Jie; GU, Yingkang; CEN, Jian. Festival Tourists' Emotion, Perceived Value, and Behavioral Intentions: A Test of the Moderating Effect of Festivalscape. **Journal of Convention & Event Tourism**, Londres, v. 12, p. 25-44, 2011.

ZIELINSKA-DABKOWSKA, Karolina M. Night in a big city: light festivals as a creative médium used at night and their impact on the authority, significance and prestige of a city. In: DOMAŃSKI, Tomasz. **The role of cultural institutions and events in the marketing of cities and regions**. Łódź: Łódź University Press, 2016, p. 63-90.